

MOBILIZAÇÃO GRUPAL E INTER-RELACIONAMENTO NA ADOLESCÊNCIA: ASPECTOS ESTRUTURAIS PARA INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA

Sylvia Souza Forsberg⁽¹⁾; Maria Inês Gasparetto Higuchi⁽²⁾

⁽¹⁾ Bolsista CNPq/PIBIC; ⁽²⁾ Pesquisadora INPA/GTEA

Os problemas ambientais continuam a desafiar técnicos, gestores e a população em geral. Apesar de todos os esforços vemos mudanças muito tímidas para uma prevenção mais efetiva. Constatamos que há uma contradição entre o conhecer e a prática cotidiana. Para entender essa problemática e desenvolver qualquer intervenção educacional é necessário considerar tanto os elementos do ambiente quanto às relações sociais envolvidas (Hart,1997; Piaget,1973,1983). Fazer educação ambiental é uma saída para compreender e revelar a natureza dessas relações interpessoais e o processo de construção das mesmas sem separá-las do seus respectivos *locus*.

Numa pesquisa anterior Forsberg & Higuchi (2001), procuraram compreender o processo social de mobilização grupal com crianças no “Projeto Pequenos Guias do Bosque da Ciência” (Higuchi, 1994, 1998). Os resultados identificaram formas de relacionamento interpessoal importantes que devem ser considerados pelos educadores e mostraram as limitações próprias do desenvolvimento das relações interpessoais e a necessidade de uma expansão e singularização de idéias para a solução de alguns problemas.

Como uma continuidade do estudo anterior, o presente trabalho propôs-se a identificar formas de relações interpessoais e iniciativas de organização grupal entre 30 jovens adolescentes de ambos os sexos na idade de 14 a 20 anos, ex-integrantes do programa citado acima. Os objetivos específicos do estudo incluíram: a) identificar os tipos de relações sociais cotidianas de jovens adolescentes, b) investigar as concepções que os mesmos possuem a respeito de organizações de grupos diferenciados e mobilização grupal e c) identificar o processo de desenvolvimento social a partir de estímulos de integração voltados para a mobilização na própria comunidade.

A observação participante e pesquisa ação foram os principais métodos utilizados nesta investigação. As observações foram feitas durante uma série de atividades estruturadas para promover a mobilização grupal incluindo: reuniões regulares, dinâmicas de sensibilização, passeios educativos, eventos recreativos e oficinas pedagógicas. Entrevistas semi-estruturadas também foram utilizadas para investigar as concepções dos adolescentes.

Verificou-se que as atividades com temas abrangentes geraram pouca motivação e interesse para a mobilização grupal, aparentemente o entusiasmo gerado por esta atividade foi bem menor que o esperado. Após avaliação percebeu-se que os assuntos tratados nas atividades deveriam ser revistos tendo em vista a inabilidade em lidar com assuntos que para eles se definiam como abstratos e complexos. A partir deste resultado mudou-se a estratégia dando ênfase em atividades direcionadas, com objetivos práticos e realizáveis em curto prazo. A realização de uma oficina de reciclagem de papel se revelou como uma estratégia muito adequada para os fins desejados dessa pesquisa. A participação e o interesse dos jovens cresceu consideravelmente levando-os a um aumento da autonomia e de iniciativas que transcenderam o próprio grupo. Essas ações concretas mobilizaram os participantes bem mais do que discussões teóricas ou proposições a longo prazo destituídas de significados compreensíveis cognitivamente e efetivamente. Constatou-se que nesta fase em que o adolescente ainda está construindo sua identidade psicossocial e estruturando suas relações socioambientais, as experiências práticas acompanhadas de atividades lúdicas e festivas acabam por unificar e proporcionar laços mais fortes para a mobilização grupal. Ficou evidente ainda, que o entusiasmo, quando existe, é um elemento motivador, facilitador e agregador essencial para a mobilização grupal e que ele só existe quando o jovem se vê engajado numa atividade que gera resultados concretos, práticos e em curto prazo de tempo.

A iniciativa dos participantes em realizar oficinas externas mostrou que, com o domínio da técnica e objetivos práticos ao alcance de seu interesse social e psicológico, a mobilização grupal pode evoluir espontaneamente e ser auto sustentável. Os resultados das entrevistas também corroboraram estas conclusões. Houve também a indicação de uma grande preferência por ações concretas e uma apatia para discussões teóricas e ações sem prazo definido ou com pouca visibilidade prática.

Forsberg, S.S. e Higuchi, M.I.G. 2001. *Capacidade de organização grupal: Um estudo de caso com crianças participantes do programa de educação ambiental "Pequenos Guias do Bosque da Ciência"* Anais da X Jornada de Iniciação Científica do PIBIC/INPA, 341-345 p.

Hart, R. 1997. *Children's participation: The theory and practice of involving young citizens in community development and environmental care*. UNICEF/Earthscan Publication Ltd, London.

Higuchi, M.I.G. 1994. *"Projeto Pequenos Guias do Bosque da Ciência"*. Mimeo. Educação Ambiental. INPA. Manaus.

Higuchi, M.I.G. 1998. *"Projeto pequenos Guias do Bosque da Ciência": a educação ambiental como instrumento de formação integral da criança*. Mimeo. INPA. Manaus.

Piaget, J. 1973. *Problemas de psicologia genética*. Rio de Janeiro: Forense.